

**“VOCÊ PARECE UMA MENINHA!”
Gritou minha professora do 3º
ano do ensino fundamental:
corpos dissidentes sexuais
e de gênero na escola e nas
aulas de arte**

“YOU LOOK LIKE A LITTLE GIRL!” SHOUTED MY TEACHER OF THE 3rd
YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL: SEXUAL AND GENDER DISSIDENT BODIES
IN SCHOOL AND ART CLASSES

“¡PARECES UNA NIÑA!” GRITÓ MI MAESTRA DE 3º CURSO DE PRIMARIA:
CUERPOS DISIDENTES SEXUALES Y DE GÉNERO EN LA ESCUELA Y LAS
CLASES DE ARTE

Fábio José Rodrigues da Costa¹

¹ Coordenador do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino da Arte – NEPEA. Endereço eletrônico: fabio.rodrigues@urca.br.

RESUMO

O objetivo do artigo é apresentar apontamentos teórico-metodológicos da Educação e da Arte/Educação Dissidentes para tensionar e confrontar o sistema educativo e social da modernidade/colonialidade. Problematiza a escola enquanto sistema público de ensino e sua pedagogia “autoritária”, do “medo” e da “masculinidade compulsória” para legitimar a “heterorazão” como verdade única. Exercita a curadoria educativa como proposição para fruição e leitura de imagens nos processos de ensino, aprendizagem e criação em Artes Visuais, articulando e interseccionando práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero com as questões de raça, classe, sexualidade, gênero, etnicidade e colonialidade. Defende a emergência da Educação e da Arte/Educação Dissidentes antiethnocida, antirracista, antitranslgbtfóbica, antipatriarcal, anticapitalista, anticapacitista, antisexistista, transfeminista, decolonial.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Dissidente; Arte/Educação Dissidente; Práticas Artísticas; Dissidências Sexuais e de Gênero; Curadoria Educativa

ABSTRACT

The objective of the article is to present theoretical-methodological notes of Education and of Dissident Art Education to tension and confront the educational and social system of modernity/coloniality. It problematizes the school as a public education system and its “authoritarian” pedagogy of “fear” and “compulsory masculinity” to legitimize “heteroreason” as a single truth. It exercises educational curation as a proposition for the enjoyment and reading of images in the teaching, learning and creation processes in visual arts, articulating and intersecting artistic practices of sexual and gender dissidences with issues of race, class, sexuality, gender, ethnicity and coloniality. Defends the emergence of Education and Art Education Dissidents antiethnocidal, antiracist, antitranslgbtphobic, antipatriarchal, anticapitalist, anticapacitist, antisexistist, transfeminist, decolonial.

KEY WORDS

Art Teaching; Art Education; Polyvalence; Artistic Languages; Law nº. 13.278 / 2016.

RESUMEN

El objetivo del artículo es presentar apuntes teórico-metodológicos de la Educación y de la Educación Artística Disidentes para tensar y confrontar el sistema educativo y social de la modernidad/ colonialidad. Problematiza la escuela como sistema de educación pública y su pedagogía "autoritaria" del "miedo" y la "masculinidad obligatoria" para legitimar el "heterorazón" como una sola verdad. Ejerce la curaduría educativa como propuesta para el disfrute y lectura de imágenes en los procesos de enseñanza, aprendizaje y creación en artes visuales, una articulación e intersección entre las prácticas artísticas de las disidencias sexuales y de género con temas de raza, clase, sexualidad, género, etnia y colonialidad. Defiende la emergencia de la Educación y de la Educación Artística Disidentes anti-etnocidas, antiracistas, antitranslgbtphobic, antipatriarcal, anticapitalista, anticapacitador, antisexista, transfeminista, decolonial.

PALABRAS CLAVE

Educación artística; Enseñanza del arte; De múltiples fines; Lenguajes artísticos; Ley N ° 13.278 / 2016.

Quem defende os direitos da criança diferente? Quem defende os direitos do menino que gosta de vestir rosa? E da menina que sonha em se casar com a melhor amiga? Quem defende os direitos da criança homossexual, da criança transexual ou transgênero? Quem defende o direito da criança de mudar de gênero caso deseje? O direito da criança à livre autodeterminação sexual e de gênero? Quem defende o direito da criança de crescer num mundo sem violência de gênero e sexual?

Paul B. Preciado.

INTRODUÇÃO

Início este artigo com essa epígrafe e com as seguintes indagações: Haveria como reparar os danos causados às crianças e adolescentes que ouviram uma professora ou um professor falar em alto e bom tom que ele ou ela pareceria uma “menina” ou um “menino” dada sua performatividade? Que impactos essas atitudes provocaram e ainda provocam na vida escolar para essas crianças e adolescentes? Até que ponto as/os profissionais da educação que atuam em contextos escolares colaboram para a heterossexualidade compulsória e para os discursos de ódio? Sabem essas professoras e professores que seus posicionamentos são TRANSLGBTFÓBICOS? A partir dessas indagações venho sistematizando alguns apontamentos a favor de um projeto educativo emancipatório que dê lugar à Educação e à Arte/Educação Dissidente, entendidas aqui como anti-tietnocida, antirracista, ANTITRANSLGBTFÓBICA, antipatriarcal, anticapitalista, anticapacitista, antisexistista, transfeminista (NASCIMENTO, 2021) e decolonial.

A defesa desse projeto emancipatório está diretamente imbricada com minha existência, resistência e (re)existência, pois já cheguei a casa dos cinquenta e ainda vivencio situações de opressão, humilhação, desqualificação, exclusão e violência por ser um dissidente sexual. Como nos lembra Batista e Boita (2018, p. 252),

De fato, branco ou preto, rico ou pobre, das capitais ou dos interiores, de dia ou a noite, em casa ou na rua, nenhum LGBT brasileiro está seguro no país que mais mata pessoas desse perfil no mundo.

Daí porque esse artigo trate das dissidências sexuais e de gênero (COLLING, 2011; 2015; 2019), corpos dissidentes que juntamente com outras dissidências ingressam, as vezes permanecem ou são expulsos das escolas porque o sistema educativo e social, pune “qualquer forma de dissidência com ameaça, intimidação e até a morte” (PRECIADO, 2020, p. 72).

Ao tratar dos corpos dissidentes sexuais e de gênero, seja em contextos escolares e não escolares, intersecciono com as questões de raça, classe, sexualidade, gênero, etnicidade e colonialidade (REA, 2020), uma vez que “*there is no modernity without coloniality*” (não há modernidade sem colonialidade), segundo Sandeep Bakshi (2016, p. 2). E essa modernidade/colonialidade é heterocolonial segundo Preciado (2020).

A modernidade/colonialidade e a heterocolonialidade inventaram a escola

enquanto sistema público de ensino na Prússia do final do século XIX, tendo por objetivo escolarizar e profissionalizar os setores médios urbanos ocidentais (SOUZA, 2004). E os sistemas públicos de ensino se fundamentam a partir do princípio da escolarização para “todos”,

legitimadora do exercício profissional, seriada, hierárquica, com um professor de turma no I Ciclo (até à 4ª série no Brasil) e professores por disciplinas a partir do II Ciclo (ou da 5ª série do ensino fundamental, no Brasil), com um diretor e supervisores (SOUZA, 2004, p. 48).

O conhecimento previamente definido e legitimado a ser ensinado pela escola e aprendido pelos estudantes reafirmaria, nessa perspectiva, a submissão dos corpos às normatividades a partir das políticas do corpo e da sexualidade cientificamente reconhecidas pelo Estado. Para melhor compreensão da relação entre conhecimento e submissão de corpos pela escola enquanto sistema público de ensino, precisamos recorrer às teorias críticas do currículo e sua perspectiva do currículo como produção (SILVA, 1995), pois “é importante ver o currículo não apenas como sendo constituído de “fazer coisas” mas também vê-lo como “fazendo coisas às pessoas”” (SILVA, 1995, p. 194). Nesse sentido, o currículo da modernidade/colonialidade se mantém hegemônico, isso porque

o currículo não está envolvido num processo de transmissão ou de revelação, mas num processo de constituição e de posicionamento: de constituição do indivíduo como um sujeito de um determinado tipo e de seu múltiplo posicionamento no interior das diversas divisões sociais (SILVA, 1995, p. 194).

Se no século XVIII uma “pedagogização do sexo” (FOUCAULT, 2020), enquanto dispositivo de saber e poder se desenvolvia com o objetivo de proteger as crianças “desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo” (p. 114); os currículos dos sistemas públicos de ensino que se organizaram no final do século XIX, na Europa, deram os contornos e fixaram os procedimentos didático-pedagógicos e serviram de referência e modelo para outros sistemas educativos, como ocorreu na América Latina.

Essa pedagogização não foi só sobre o sexo, mas também sobre as representações de gênero, de raça, de classe e de nação (SILVA, 1995). Ao longo dos 150 anos da escola enquanto sistema público de ensino, o currículo e seus componentes têm sido um lugar de fala de alguns sujeitos; enquanto outros são ignorados (LOURO, 2003). Ao mesmo tempo em que

conta histórias e saberes que, embora parciais, se pretendem universais; as ciências, as artes e as teorias trazem a voz daqueles que se auto-atribuíram a capacidade de eleger as perguntas e construir as respostas que, supostamente, são de interesse de toda a sociedade (LOURO, 2003, p. 88).

É exatamente sobre os ignorados, entendidos aqui como os corpos dissidentes sexuais e de gênero, que busco tensionar o pensamento educacional brasileiro,

ou a “vocalização normalizadora da educação” (LOURO, 2020, p. 188). Para esse tensionamento, trago contribuições partindo de minha área de atuação, ou seja, a formação inicial e continuada de professoras e professores para o ensino do componente curricular Arte, especificamente as Artes Visuais, articulando arte e dissidências sexuais e de gênero.

Para melhor compreensão sobre o recorte e organização de meu pensamento e o entrelaçamento entre a Educação e a Arte/Educação Dissidente, desejo que essa micronarrativa, essa microanálise, esse “texto/tempo” ou esse “tempo/texto”, tensione e ajude a desconstruir a noção de epistemologia da verdade única (KINCHELOE, 1997) que ainda predomina no imaginário de professoras e professores, além dos profissionais não docentes, assim como, de alguns estudantes de que a escola é um lugar para corpos heteronormativos, binários e cisgeneros; portanto, se recusam a coexistir e coabitar com corpos dissidentes sexuais e de gênero. Como nos lembra Costa (2019):

Na terceira série e na mesma escola tive uma professora negra que se vestia de forma muito elegante com suas meias calças e blusas de mangas longas. Estava sempre com os cabelos arrumados e pranchados e com o rosto embaquecido com o pó compacto que usava. Ela sempre me lembrava que eu era um menino “assim”, parecido com uma “menina”. Não entendia o que ela dizia, mas notava que não era algo bom (COSTA, 2019, p. 233).

A narrativa autobiográfica de Costa (2019), tensiona, para mim, a pergunta/chamada para o dossiê no qual pretendo que este artigo amplie o debate, pois embora defenda que a “Arte e seu ensino sejam um caminho para todes”, não posso fazê-lo tomado apenas por minhas paixões ou por meu entendimento, devo considerar que professoras e professores do componente curricular Arte/Artes Visuais, ao realizarem curadorias educativas (MARTINS, 2011), ao investigarem e selecionarem artistas e suas práticas artísticas para os processos de ensino, aprendizagem e criação artística, alguns por medo, outros por desconhecimento e muitos por defenderem a heterossexualidade compulsória, excluem artistas mulheres (negras/brancas/indigenas), travestis, transexuais, intersexuais e lésbicas. O mesmo ocorre em relação aos artistas gays, bissexuais e homens trans. Claro que temos excessões e as reconheço e parabenizo, mas não posso aqui considerar as excessões, mas sim defender curadorias educativas que sejam norteadas pelas pluralidades e diversidades das experiências humanas.

Não posso ignorar o fato de que nem todas as professoras e professores tem acesso às práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero que circulam nas exposições pelo país, embora a maioria se concentre nos grandes centros urbanos. Também não posso ignorar que licenciadas e licenciados em artes não chegaram a todas as escolas, nem a todos os níveis, até porque seguimos com a prática de destinar as aulas de Arte para docentes sem formação na área.

Nesse sentido e partindo do pensamento de Martins (2011), trago uma curadoria educativa que selecionei e organizei para nosso exercício de nutrição estética

(MARTINS, 2011); um exercício de fruição e leitura de imagens que nos aproxime dos modos de pensar/criar desde as margens/marginalidades que os corpos dissidentes sexuais e de gênero vivem. Essa proposição pode colaborar para refletirmos sobre a emergência da Educação e da Arte/Educação Dissidente.

Para começarmos nosso percurso por essa curadoria educativa trago a instalação “Sobre este mesmo mundo”, 2009 (Figura 1), da artista mineira Cinthia Marcelle (1974-). A instalação foi exibida na 29ª Bienal de São Paulo em 2010 e fez parte da exposição Educação pela Pedra, exibida de maio a setembro de 2021 no Museu Paranaense numa parceria com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) de Recife - PE com curadoria de Moacir dos Anjos.



Figura 1: Sobre esse mesmo mundo. Instalação, 2009. Foto: SECC Fonte: <https://www.aen.pr.gov.br/modules/galeria>

Quais conexões ou atravessamentos podemos fazer a partir da instalação com nossas experiências escolares? Quais lembranças da escola ela aciona? E quais os esquecimentos? O que se escrevia com o giz sobre a lousa? Ainda encontramos nas escolas urbanas e do campo esse tipo de lousa? O que aprendemos e o que desaprendemos? Quantas aulas foram dadas? Quais relações podemos fazer entre “Sobre este mesmo mundo” com “Education by Stone” (Educação pela Pedra, 2016, Figura 2), da mesma artista?

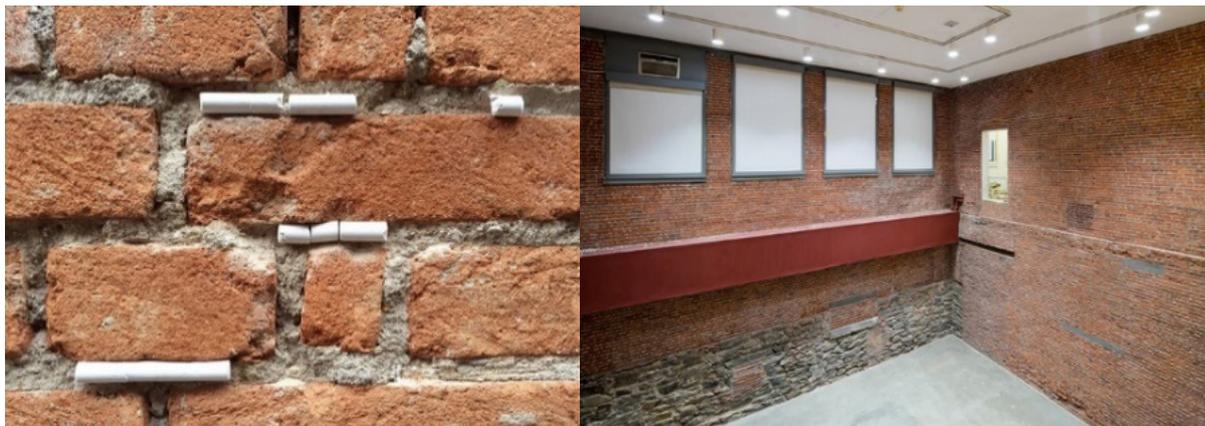


Figura 2: Education by Stone, Instalação. 2016. Fonte: <http://www.dreamideamachine.com/en/?p=20943>

O processo de criação para *Education by Stone* (2016) exigiu da artista o uso de 20 mil pedaços de giz que alojou em frestas das altas paredes de tijolos da galeria no prédio do MoMA PS1, em Nova York; o prédio antes de ser uma instituição de arte, foi uma escola. Mas o que tem em comum as duas instalações? O que une a instituição de arte com a instituição escola? Quem frequentou a escola e quem frequenta o MoMA PS1? Qual a relação entre *Education by Stone* com a frase “O museu é uma escola. O artista aprende a se comunicar; o público aprende a fazer conexões”, de Luis Camnitzer?

As imagens acima não estão relacionadas às práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero, mas ao pensamento dissidente que, partindo da lousa e do giz, instrumentos tecnológicos adotados pelos sistemas públicos de ensino, sobre os corpos que sentados, separados por sexo (meninos de um lado da sala e meninas de outro), enfileirados e olhando para frente, onde se posiciona a professora ou o professor e a lousa, recebiam e ainda recebem, com uso ou não dessa tecnologia, as instruções a serem rigorosamente seguidas para impedir que seus corpos e suas sexualidades se desviassem ou se desviem das normas. Ninguém poderia desviar das normas e isso inclui as aulas de Arte, ou melhor, da então Educação Artística que foi introduzida no sistema público de ensino no Brasil com a Lei nº 5.692/71.

A política e a pedagogia do controle social dos corpos são anteriores à escola enquanto sistema público de ensino tanto na Europa, quanto no Brasil. A criação e introdução da Educação Artística no currículo do sistema público de ensino, não poderia fugir à regra e muito menos ser considerada uma conquista de professoras e professores de Arte do campo progressista como nos lembra Barbosa (2014), até porque a ditadura militar que se instalou no Brasil, com o golpe de 1964, primeiro criou a Educação Artística com a reformulação do sistema educativo, pós o decreto do Ato Institucional Nº 5, em 1968. O AI-5 foi a demonstração do nefasto projeto dos militares e seus apoiadores à liberdade de expressão e aos direitos políticos no país. É nesse contexto que em 1973 é criada a Licenciatura em Educação Artística para formar as primeiras professoras e os primeiros professores de Arte no Brasil.

Muitas vezes quando nos referimos a criação da Educação Artística, esquecemos

que na mesma Lei também foi criada a Educação Moral e Cívica que se tornou, como a Educação Artística, obrigatória em todos os níveis do ensino. Segundo Fico (2018, p. 14), após o AI-5 foi criado “um efetivo aparato de repressão política” no Brasil. Este aparato apresentou duas dimensões interligadas entre si, uma “saneadora” e outra “pedagógica” (FICO, 2018). A primeira tinha a função de eliminar o “germe do comunismo” e, a segunda, de instituir uma “pedagogia autoritária”, uma “pedagogia do medo” e, segundo Miskolci (2020), uma “pedagogia da masculinidade”.

Essa pedagogia da masculinidade, orientadora das práticas docentes não foi suficiente para impedir que nas escolas os corpos dissidentes sexuais e de gênero se fizessem presentes, mas sobreviver exigiu estratégias como relata Megg Rayara Gomes de Oliveira, no livro “O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação” (2020):

Do fundo da sala de aula, da última carteira, eu observava atentamente tudo o que acontecia na sala de aula e adotava posturas que pareciam atender às expectativas dos/as professores/as. Nos momentos em que o riso era autorizado, eu ria. Nos momentos em que o silêncio era exigido, eu me calava. Assim meu boletim, a materialização de uma encenação constante, era a prova de que o ajustamento proposto pela escola estava funcionando. (OLIVEIRA, 2020, p. 30-31).

Nossas estratégias, conscientes ou não, não foram suficientes para que outras irmãs e irmãos existissem apesar da escola. Mas a escola enquanto sistema público de ensino, continua sequestrada pelo heterossexismo, pela exclusão das dissidências sexuais e de gênero e pela naturalização da TRANSLGBTFOBIA (CONEJO ESPEJO, 2017).

CURADORIA EDUCATIVA ORIENTADA PELA ARTE/EDUCAÇÃO DISSIDENTE



Figura 3. Randolpho Lamonier. Série Crônicas de retalho. Bordado e costuras em tapetes, 60x40, 2015-2019 Fonte: https://periscopio.art.br/wp-content/uploads/2020/04/PORTF%C3%93LIO_RANDOMOLPHO-LAMONIER.pdf

Tenho apresentado a imagem acima (Figura 3), tanto em aulas, palestras, rodas de conversa e em textos submetidos a congressos, seminários e jornadas. Meu encontro com o artista e sua prática, ocorreu em uma gira virtual com o tema “Cultivar as Re-existências” (2020), promovida pelo Estúdio de Pintura Apotheke do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, e o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino da Arte - NEPEA e o Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos - GPEACC/CNPq, do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA. A gira teve como participantes a Lucimar Bello, o Afonso Medeiros, a Ana Del Tabor e eu, com mediação da Jocielle Lampert e do Fábio Wosniak. Durante a fala da Lucimar Bello, tivemos acesso à série Profecias (2018) do artista brasileiro Randolpho Lamonier (Contagem-MG, 1988-). Enquanto seguíamos, entre telas, a exposição da Lucimar, fui a busca de mais informações sobre o artista. Logo descobri que a série contém outros objetos/profecias que não foram selecionados pela Lucimar e, imediatamente, me perguntei o porquê.

Encerrada a gira virtual, minha curiosidade não deixou ir para a cama, então segui por toda a madrugada, navegando por páginas e páginas e conhecendo a prática artística de Lamonier, um jovem filho de costureira e graduado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Destaco aqui que da série Profecias meu olhar parou diante da imagem abaixo (Figura 4)



Figura 4. Randolpho Lamonier. Profecias. Costura e bordado em tecido, 150x200, 2018-2019 Fonte: https://periscopio.art.br/wp-content/uploads/2020/04/PORTF%C3%93LIO_RANDOLPHO-LAMONIER.pdf

Com o olhar parado diante da imagem vieram as seguintes questões: O Brasil é ou não um Estado laico? A que igrejas se refere o artista? O que seria um exército queer? Segui explorando a prática artística de Lamonier e chego à série Crônicas de Retalho (Figura 5) na qual usando agulhas, fios, bordados e retalhos de tecido sobre tapetes simples e baratos, o artista cria micronarrativas. Sobre o tapete como suporte o artista bordou seu nome e em seguida a frase em maiúsculas: "BIXA RETORNA À ESCOLA PARA SE VINGAR E TOCAR O TERROR". Além do texto bordado, uma representação da figura humana segurando um revólver é aplicada ao tapete, sugerindo a representação de uma bicha. A composição tem um tom forte e ao mesmo tempo sugere um gesto de reparação pelas injustiças e opressões enfrentadas pelas dissidências sexuais e de gênero no Brasil e em toda a América Latina. Segundo Cornejo Espejo (2017, p. 881) "*al igual que en el resto del continente, el heterosexismo, la omisión de la diversidad sexual, la exclusión de las disidencias sexuales y la naturalización de la homofobia hacían parte del cotidiano escolar.*"

Ao ler as imagens das séries de bordados, elas ativam minha memória e me fazem retornar à minha infância e início da adolescência, marcada por uma educação em geral e uma educação escolar voltada para a heteronormatividade, a binaridade e a cisnormatividade. E sobre a escola e sua pedagogia de controle dos corpos, Oliveira (2020, p. 31), acrescenta: "A escola, aparentemente, podia controlar meu corpo, mas não podia controlar meus segredos e aquele anjo higienizado por obra de um processo disciplinar não era real."

Mesmo consciente do caráter ficcional da micronarrativa do artista Randolpho Lamonier, me vi envolto em indagações sobre em que época, lugar e escola algo assim teria acontecido. Na verdade não conheço, mas conheço outra realidade como narrado por Angela Davis (2019) sobre o assassinato do estudante Lawrence King de Oxnard, Califórnia, que levou um tiro na cabeça por um colega dentro do laboratório de informática da escola onde estudavam, logo após King passar a usar salto alto e batom e na escola assumir sua orientação sexual e identidade de gênero. O jovem que cometeu o crime tinha apenas quatorze anos. Conheço também o caso do jovem estudante de onze anos que ao propor como tema para um trabalho o Mês do Orgulho LGBT, foi violentamente atacado no grupo do *Whatsapp* de uma escola pública da cidade de Campinas - SP. A violência partiu também da diretora e de uma professora e isso aconteceu em junho de 2021.

O que tem em comum a série Crônicas de Retalho do artista Lamonier, o relato do assassinato do jovem Lawrence King por Angela Davis, a atitude do estudante e a reação da escola com *The Experiment*, 2012 (Figura 5), do casal de artistas Michael Elmgreen e Ingar Dragset?



Figura 5: *The Experiment*, 2012, Resina de poliéster, fibra de vidro, tinta acrílica, olhos de vidro, cabelo humano, madeira, laca, espelho, peças de metal, couro. Foto: Steven Probert. Fonte: <https://filthydreams.org/2016/10/16/failure-may-be-your-style-undetectable-queer-time-in-elmgreen-dragsets-changing-subjects/>

O que a criança com saltos e batom vê ao olhar para o espelho? Além do próprio reflexo da criança, o que mais o espelho mostra? Esta imagem nos ajuda a pensar no amanhã para “crianças em dissidências com o corpo, com o gênero, com a sexualidade, com a infância e com a educação” (RODRIGUES, 2018, p. 7)?

Lendo a imagem de *The Experiment* volto meu pensamento para o que Preciado (2020) define como defesa do “direito de todo corpo – independentemente de sua idade, de seus órgãos sexuais ou genitais, de seus fluidos reprodutivos e de seus órgãos gestacionais – à autodeterminação de gênero e sexual.” (PRECIADO, 2020, p. 73). Mas, fundamentalmente, desde uma perspectiva das dissidências sexuais e de gênero reivindicar, ainda segundo o autor, “O direito de todo corpo de não ser educado para transformar-se exclusivamente em força de trabalho ou força de reprodução.” (PRECIADO, 2020, p. 73).

Nesse sentido, como um corpo dissidente sexual, penso que as práticas artísticas

das dissidências sexuais e de gênero estão há muito tempo problematizando, tensionando o sistema social e educativo hegemônico que estamos imersos, chamando para lutarmos hoje para construir o amanhã (FREIRE, 2014) livre de todas as formas de desigualdades e opressão.

Até que ponto somos livres da opressão ou em que momento nos tornamos opressores? Por que a pintura *Travesti da Lambada e Deusa das Águas* que compõe a série *Criança Viada* (2013), tinta acrílica, óleo e spray sobre tela, 100cm x 100cm (Figura 6), da artista cearense Bia Leite (1990-), foi tão atacada quando exposta na exposição *Queermuseu: Cartografias das Diferenças na Arte Brasileira*, com curadoria de Gaudêncio Fidelis? Que mudanças operaram entre o ano de 2016 e 2017 para que a série completa fosse exibida (Figura 7) no XIII Seminário LGBT, na Câmara dos Deputados em 2016?



Figura 6: Série *Criança Viada*, acrílica óleo e spray sobre tela, 100cm x 100cm, 2013. Fonte: <https://www.revistacircuito.com/arte-observada-bia-leite/>

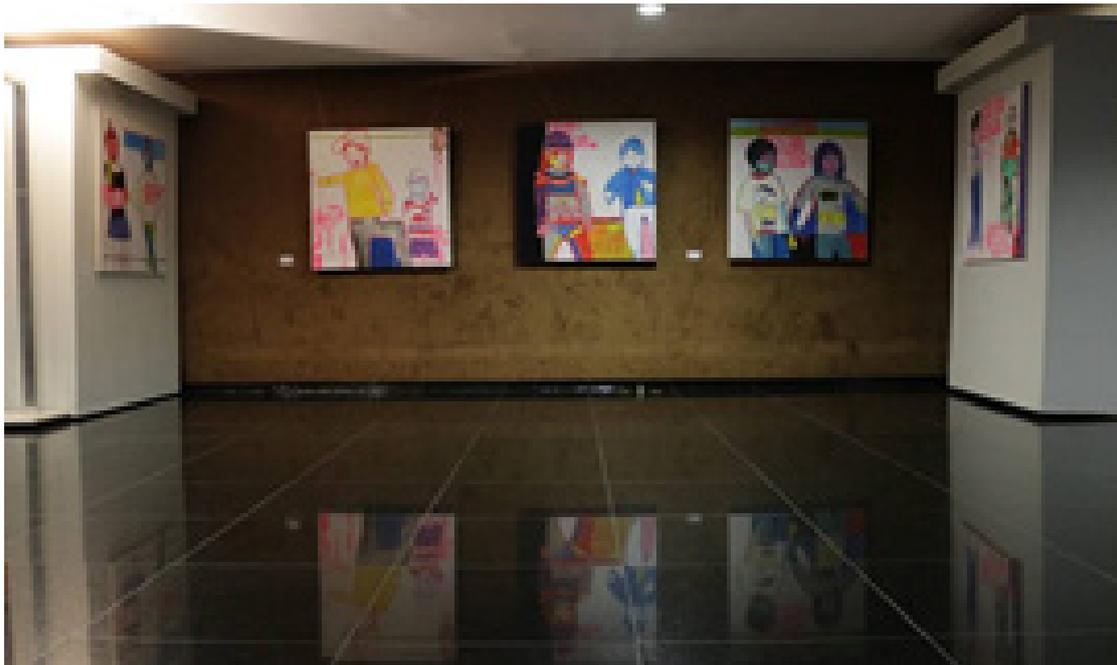


Figura 7: Exposição da Série Criança Viada, Bia Leite, 2016. Fonte: <https://veja.abril.com.br/cultura/serie-de-obras-crianca-viada-ja-esteve-na-camara-dos-deputados/>

Como professor dissidente sexual (bicha/bixa) que se dedica à formação inicial e contínua de professoras e professores para o exercício da docência em Arte na educação básica, tenho o dever de nos processos de ensino, aprendizagem e criação em artes/artes visuais, fundamentados em abordagens teórico-metodológicas que orientam minha ação docente, minha prática pedagógica e minhas curadorias educativas, problematizar “o caráter normal e natural da heterossexualidade” (LOURO, 2003, p. 90). Assim como, de desconstruir a função da escola como uma fábrica de heterossexualidade e de sua aparente assexualidade (Preciado, 2020).

Como um professor propositor (MARTINS, 2011), compreendo a função educativa da arte porque

ensina justamente a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela parece esmiuçar o funcionamento dos processos da vida, desafiando-os, criando para novas possibilidades (CANTON, 2009, p. 12-13).

No entanto, quando não temos acesso as práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero, seja pela promoção de exposições individuais e/ou coletivas, ou por meio de curadorias educativas, nossa existência permanece apagada da vida. Segundo Bia Leite (*Apud* Paleólogo; Ribeiro, 2020, p. 357):

Acredito que a arte tem o poder de alargar as portas da subjetividade de quem participa, como artista ou público. há uma troca de mundos interiores, um engrandecimento de perspectivas de mundo. Quando nos sentimos só

e conhecemos algo que nos representa não nos sentimos mais tão sozinhos, seja no cinema, na música, na dança, literatura, pintura, etc.

O pensamento de Leite converge com a afirmação de Barbosa (1998, p. 16), de que “Dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.” Mas, a heterocolonialidade e a colonialidade do saber, deu lugar a um tipo de aprendizagem promovido pela escola “na qual a criança é submetida à taxonomia binária do gênero, através da exigência constante de nomeação e identificação normativas.” (PRECIADO, 2020, p. 196).

Nesse sentido, pensar a Educação e a Arte/Educação Dissidentes é pensar a prática artística das dissidências sexuais e de gênero como “expressão pessoal e como cultura”. É desaprender para aprender com Barbosa (1998, p. 16), que “Relembrando Fanon, eu diria que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o invídiuo no lugar ao qual pertence”.

A Educação e a Arte/educação Dissidentes entendem o currículo como um dispositivo de poder para regular e controlar os corpos e moldá-los ao que reconhece como gênero, raça e classe. Portanto, a Educação e a Arte/educação Dissidentes articulam as teorias curriculares com as políticas educacionais do corpo e se recusa a aceitar qualquer projeto educacional ao qual o corpo esteja subordinado (SILVA, 1995). Mas é no corpo que opera a sexualidade, as identidades e as performatividades de gênero, por isso a Educação e a Arte/Educação Dissidentes não se propõem a monitorar e censurar o corpo dentro da escola como dispositivos para garantir sua suposta normalidade (BENTO, 2011), nem tampouco

a excluir de nosso mundo, para que ele possa ser Mundo, tudo o que consideramos sujo, cuja falta de asseio e sujeira provocam repugnância, tudo aquilo que revolta a consciência, que é moralmente baixo, abjeto, torpe e que não respeita as regras do decoro, da decência, da normalidade. (DIAS, 2011, p. 26).

Como afirmam Costa e Huerta (2020, p. 9), “As práticas educativas que se orientam por modelos são normativas, portanto, contraria ao que defende às práticas educativas dissidentes”. Porém romper com práticas educativas normativas requer aceitarmos que a escola enquanto sistema público de ensino se converteu em uma “fábrica de subjetivação: uma instituição disciplinar cujo objetivo é a normalização de gênero e sexual.” (PRECIADO, 2020, p. 196).

Pensar a Arte/Educação Dissidente é um projeto no qual devemos insistir, pois as práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero estão a confrontar a razão heterocolonial (PRECIADO, 2020) “como uma imposição, como uma construção” (COLLING, 2011, p. 15). A ausência dessas(es) artistas e de suas práticas em sala de aula faz com que a Arte/Educação contemporânea permaneça alheia às representações de gênero e sexualidade tanto na prática artística quanto nas culturas visuais contemporâneas, bem como, alinhada com a falta de representação na história

da arte (DIAS, 2011).

Se a escola enquanto sistema público de ensino é jovem, tão jovens são os sistemas públicos de ensino na América Latina, mas isso não significa que as nossas escolas tenham elaborado seus próprios projetos educativos. Infelizmente, a naturalização e a normatização dos corpos, desde uma perspectiva da heterossexualidade compulsória, como projeto da heterocolonialidade continua orientando os saberes das escolas em todas as áreas do conhecimento. E isso se aplica ao ensino de Arte/Artes Visuais que parece ainda não compreender que o corpo está imbricado pela linguagem, pela cultura e pelo poder.

As práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero estão causando conflitos cognitivos sobre todas as verdades e certezas do imaginário modernista da colonialidade e nos forçando a “aprender a desaprender” (MIGNOLO, 2008), a partir das epistemologias do Sul que buscam

identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes, a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que legitima essa mesma opressão. (SANTOS, 2019, p. 18).

Voltando à nossa nutrição estética e teórica, a partir de uma curadoria educativa que seleciona as práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero, proponho novamente um exercício de leitura (Figura 8). Propositamente não inseri informações de autoria ou título da imagem para evitar conduzir o olhar da leitora ou do leitor. Antes de seguir com a leitura do texto, por quanto tempo você consegue olhar para esta imagem? O que vê? Do que trata? Esse corpo existe ou é mais uma ilusão da arte? Ao fazer sua curadoria educativa a incluiria?



Figura 8: Cassils Advertisement: Homage to Benglis, 2011. (Fonte: <https://www.cassils.net/cassils-about-the-artist>).

Ao propor essa imagem em exercício de nutrição estética para estudantes da licenciatura, como também para professoras e professores em exercício da docência, tenho me deparado com narrativas que apontam para a impossibilidade de exibição dessa imagem para estudantes da educação básica. Alguns argumentam que a escola não permite e que possivelmente teriam problemas. Outros chegam a dizer que perderiam o emprego, tanto na escola pública, quanto particular. Isso aconteceria com você?

Vamos então saber um pouco sobre o artista. Seu nome é Cassils, um artista performático, fisiculturista e personal trainer de Montreal/Canadá. Vive atualmente em Los Angeles nos Estados Unidos. Sua prática artística e poética trata das formas de violência, representação, luta e sobrevivência LGBTQ+, integrando feminismo, arte corporal e estética masculina gay. Cassils é gênero não-conformado e transmasculino.

Quantas artistas travestis você conhece? E trans? Você selecionaria para sua curadoria educativa imagens das práticas artísticas de artistas travestis e trans?

O medo, o receio, a preocupação que estudantes da licenciatura e professoras e professores que exercem a docência em Arte/Artes Visuais comentam sobre exibirem ou não imagens de práticas artísticas das dissidências sexuais e de gênero, não pode ser ignorada. Afinal de contas a escola enquanto sistema público de ensino sempre esteve orientada pela pedagogia do medo e esse medo aprendemos desde crianças quando passamos a frequentar a escola. Segundo Eisner (1998, p. 22), *"las imágenes de enseñanza, de aula y de lo que es una escuela se adquieren temprano en la vida"*. Ainda para o autor:

La docencia es la única profesión que conozco en la que la socialización profesional empieza a los cinco años. En consecuencia, las personas que enseñan han tenido años para internalizar una serie de expectativas respecto de lo que los maestros hacen y de cómo son las escuelas. Por eso producir un cambio significativo en las escuelas requiere, entre otras cosas, cambiar las imágenes que los maestros tienen de su trabajo. (EISNER, 1998, p. 22).

Se as dissidências sexuais e de gênero já estão nas escolas, por que imagens das práticas artísticas de dissidentes sexuais e de gênero não podem entrar nessas mesmas escolas? A resposta a esta questão não é simples, mas segundo Eisner (1998, p. 24), as características das escolas *"son tan comunes que a veces las consideramos naturales, olvidando que se trata de productos culturales que bien podrían ser diferentes"*.

Mas como a escola enquanto sistema público de ensino pode vir a ser diferente? Aqui temos outra questão complexa, até porque a escola não é a única instituição normalizadora com a qual convivemos. Toda a sociedade tem se guiado por esta concepção na qual a normalização e a heteronormatividade compulsória se constituíram na base de nossas relações sociais. Daí se anunciam os desafios da Educação e da Arte/Educação Dissidentes que objetivam uma educação não normalizadora ou uma aprendizagem pelas diferenças (MISKOLCI, 2020). Uma aprendizagem pelas diferenças que entende e defende que *"A escola é também um lugar onde buscamos entender sobre as sexualidades, onde diversos discursos se cruzam e disputam espaço*

no processo de subjetivação” (FERRARI; OLIVEIRA, 2018, p. 49).

Penso que aprender pelas diferenças exija de nós desaprender e desaprender significa subverter todas as formas de naturalização que domina nosso imaginário. Seguindo com nosso exercício de fruição e leitura de imagens, apresento “Mulher Indígena e Sapatão” (Figura 9), ilustração digital, 2019 de Yacunã, artista indígena da etnia Tuxá de Rodelas/Bahia. O que você vê na imagem? O que a figura feminina tem em seu ombro? Que significa estas cores? Antes dessa imagem já havia pensado sobre mulheres indígenas lésbicas ou sapatão? E sobre outras dissidências sexuais e de gênero indígenas?



Figura 9: Mulher Indígena e Sapatão, ilustração digital, 2019. Fonte: <https://www.behance.net/yacunatuxa>

Que outras mulheres lésbicas fazem parte de seu convívio familiar, comunitário, de trabalho? Se você é professora ou professor, tem convívio com colegas e/ou estudantes lésbicas? Você conhece outras artistas lésbicas? Quantas imagens de práticas artísticas de mulheres lésbicas você já selecionou para sua curadoria educativa? Você conhece os grafites de Annie Gonzaga (Figura 10)? E as fotografias (Figura 11) de Zanele Muholi, da África do Sul? O que elas tem em comum?



Figura 10: Grafiti. Annie Gonzaga (Kpitú). Fonte: <https://murrosblog.wordpress.com/annie/>



Figura 11: Fotografia. Zanele Muholi. Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/08/08/interna_diversao_arte,493819/artista-africana-luta-pelo-fim-do-preconceito-e-pelo-empoderamento-feminino.shtml

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse artigo propus tanto um exercício de nutrição estética quanto teórica. Apresentei artistas dissidentes sexuais e de gênero e suas práticas artísticas, ao mesmo tempo em que problematizei a escola enquanto sistema público de ensino e o quanto os sistemas educativos e sociais seguem obedientes à heterocolonialidade e a heteronormatividade.

Tensioneiei e confrontei a modernidade/colonialidade a partir do pensamento dissidente, seja de dissidentes sexuais e de gênero ou não. Defendi a emergência da Educação e da Arte/Educação Dissidentes como um projeto emancipatório que precisamos lutar para construir hoje e termos um amanhã para todes.

Esse é um exercício teórico-metodológico e didático-pedagógico para afirmar que a Arte e seu ensino é um caminho para todes, porém o todes já se encontra na escola desde uma perspectiva de uma pedagogia da diferença, mas a Arte e seu ensino ainda passa ao largo dessas questões, seja pelo autoritarismo, pelo medo, pelo desconhecimento ou pela defesa da heteronormatividade. O fato é que precisamos desaprender para aprender ou (re)aprender.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BAKSHI, Sandeep. Decoloniality, Queerness and Giddha. Sandeep Bakshi, Suhraiya Jivraj and Silvia Posocco. *Decolonizing Sexualities: Transnational Perspectives, Critical Interventions*, **Counterpress**, 2016, 978-1-910761-02-1. fhal-01947907f. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01947907/> Consultado em 20 de setembro de 2021.

BATISTA, J. Jean; BOITA, T. Tony. Por uma Primavera nos Museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. In: **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**. Brasília, Vol. 7, nº 13, p. 252-262, jan./jun. de 2018. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17790>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

BENTO, B. Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 19 (2), p. 549-559, mai./ago. de, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/DMNhmpzNbKWgH8zbgQhLQks/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 de junho de 2021.

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes,

2009.

COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: EDUFBA, 2015.

COLLING, Leandro. (organizador). **Artivismo das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019.

CORNEJO ESPEJO, Juan. Disidencias sexuales en el sistema escolar chileno: represión e invisibilización. In: **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 879-898, jul./set., 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/Kkd7kpVTdyn9srMthvQ8fcm/abstract/?lang=es>. Acesso em: 10 de junho de 2021.

COSTA, Fábio José Rodrigues da. Movimento LGBTTT, artes visuais e formação inicial e continuada de professor@s. In: LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de.; AUGUSTOWSKY, Gabriela. **Instantes-já da formação docente em Artes**. São Paulo: Terracota, 2019.

COSTA, Fábio José Rodrigues da; Huerta, Ricard. Práticas artísticas LGBTI+ para uma educação dissidente. In: **Revista Apotheke**. Florianópolis, editorial, v. 6, n. 3, p. 7-20, dezembro 2020. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/issue/view/815>. Acesso em 10 de maio de 2021.

DAVIS, Angela. Justiça para comunidades lésbicas, gays, bissexuais e transgêneras. In: **Revista Boitempo**. São Paulo, número 33: outubro de 2019. (impressa)

DIAS, Belidson. Entre Arte/Educação multicultural, cultura visual e teoria Queer. In: BARBOSA, Ana Mae. (org.). **Arte/educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da Educação da Cultura Visual**. Brasília: Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011. 210 p. il.

EISNER, Elliot W. **Cognición y curriculum: Una visión nueva**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1998.

FICO, Carlos. Prefácio. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (organizadores). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2018

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FERRARI, Anderson; OLIVEIRA, Danilo Araujo de. O caso do aluno gay expulso da escola: moral, verdade e ética nas construções das homossexualidades masculinas no contexto escolar. In: RODRIGUES, Alexsandro. **Crianças em dissidências: narrativas desobedientes**. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KINCHELOE, Joe L. **A formação do professor como compromisso político**: Mapeando o Pós-Moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (organização). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. O Currículo e as Diferenças Sexuais e de Gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **O currículo nos limites do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? In: **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 311-316, set./dez. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9516/6779>. Acesso em: 16 de maio de 2021.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**. Rio de Janeiro, nº 34, p. 287-324, 2008. Disponível em http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2021.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente**: (re)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador – BA. Editora Devires, 2020.

PALEÓLOGO, Diego; RIBEIRO, Vinícios. Born to Ahazar Entrevista com a artista visual Bia Leite. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**. Mato Grosso, Vol. 03, N. 09, p. 355-359, 2020. Disponível em <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>. Acesso em: 07 de julho de 2021.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REA, Caterina. Crítica Queer racializadas e deslocamentos para o Sul global. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (organização). **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

RODRIGUES, Alexsandro. Apresentação: Crianças em dissidências: narrativas desobedientes da infância. In: RODRIGUES, Alexsandro. **Crianças em dissidências**: narrativas desobedientes. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias

do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação: ¿ ¿quê??**; a educação na sociedade e/ou asociedade na educação. Recife: Bagaço, 2004.

Submissão: 29/10/2021

Aprovação: 24/01/2022